

Editorial

editorial

Apesar do presente contexto de dificuldades colocado à produção científica brasileira, causadas pelos diversos cortes de financiamento à pesquisa capitaneados pela atual administração federal e pela convulsão política generalizada no país, chegamos a mais um número da *História da Historiografia*. Nesta nova edição, a revista vê consolidada sua vocação internacionalista, trazendo três artigos de pesquisadores estrangeiros, e pluritemática, já que os textos que a compõem abarcam assuntos bastantes diversos, que vão desde a relação entre teoria da história e outras áreas do conhecimento até investigações sobre sujeitos e objetos específicos da história da historiografia brasileira e internacional.

No que tange às problemáticas da história e do funcionamento da disciplina, temos o artigo de Alessandra Santos sobre a tese de livre-docência de Francisco Iglesias, referência incontornável na história da historiografia brasileira. Do mesmo modo, Rômulo Gonçalves Bittencourt nos traz um instigante texto sobre a operação historiográfica nos trabalhos de Wlamyra Albuquerque, a partir, evidentemente, das teorizações primeiramente propostas por Michel de Certeau. Finalmente, ainda no que se refere aos percursos mais amplos da historiografia brasileira, Liz Andréa Dalfré nos apresenta uma investigação sobre a emergência dos sujeitos sociais na produção sobre a Guerra do Contestado, buscando compreender como historiadores e historiadoras diferentes entenderam a participação dos grupos sociais envolvidos no conflito.

Isto não é tudo, obviamente. O atual número traz ainda um texto de Géssica Guimarães Gaio sobre a experiência temporal moderna a partir das ponderações estéticas de Friedrich Schiller em sua "*Poesia Ingênua e Sentimental*". Como já foi dito, temos, ainda, três artigos de pesquisadores estrangeiros. Esteban Lythgoe discute, em sua contribuição, a convergência da história e da psicanálise na obra de Paul Ricouer, tendo como ponto de partida aquilo que ele chamou de "virada psicanalítica" na monumental obra do filósofo francês. Fidel Rodriguez e Juan Manuel Santana Perez, em seus textos, nos apresentam análises sobre as representações do passado da ilha venezuelana de Cubagua entre 1892 e 2014 e da produção do historiador canário Viera y Clavijo, respectivamente.

Com pretensão de ampliar o debate historiográfico nacional, a revista apresenta às leitoras e leitores a resposta de Caroline Silveira Bauer ao texto de Rodrigo Sá Motta publicado na edição anterior, em que Bauer reflete sobre as funções dos historiadores e historiadoras diante não só do passado autoritário do país, especialmente da ditadura civil-militar, mas também das demandas colocadas por seus presentes. Em sua contribuição, Bauer nos lembra, assim, do aspecto inerentemente político, ainda que muitas vezes reprimido, da disciplina histórica.

Nesta edição temos, ainda, a resenha de Paulo Alves Pereira Jr. sobre a obra recente de Tereza Maria Spyer Dulci sobre as conferências pan-americanas realizadas entre 1889 e 1928.

Finalmente, fechando o número, André Freixo, Sérgio da Mata e Marcel Abreu nos brindam com a tradução de dois textos seminais sobre o problema da nostalgia, "A felicidade evadida", de Arnold Gehlen, e "A nostalgia e seus desgostos", de Svetlana Boyn, além de uma breve introdução sobre estes trabalhos.

O corpo editorial da revista deseja, assim, ao público uma ótima leitura, com a esperança de que as barreiras colocadas à ciência em terras brasileiras sejam contornadas e que pesquisas e publicações voltem a ter a atenção financeira que merecem. Tempos mais alvissareiros virão.